

CRISE DO CORPO NA CONTEMPORANEIDADE

*Eixo Temático 15 – Formas de viver e desejar na arte e na geografia:
perspectivas para pensar corpo, gênero e sexualidades*

Valdir Aquino Zitzke¹
Larissa de Pinho Cavalcanti²
Edmilson Andrade Reis³

RESUMO

O corpo permite o acesso ao espaço, às pessoas e aos objetos, configurando-se como o primeiro campo problemático dos indivíduos e primeiro nível da escala geográfica. O presente estudo de natureza bibliográfica parte da análise de trabalhos científicos (artigos, dissertações e livros) na área de geografia cultural para entender como as transições da concepção de corpo chegam à contemporaneidade e o que então se constrói sobre o corpo. Observa-se, assim, que, na contemporaneidade, o corpo ocupa um lugar decorrente do enfraquecimento dos coletivos e da configuração maior da cultura do narcisismo, o que se expressa no culto à beleza e o consumo das intervenções estéticas, aliadas com a fragmentação das partes do corpo.

Palavras-chave: Corpo; Contemporaneidade; Geografia Cultural.

INTRODUÇÃO

Pensar o corpo local em que se entrelaçam o objetivo e o subjetivo e conceber a corporeidade como paradigma ético-estético são importantes subsídios na estruturação dos elementos que compõem as experiências do cotidiano. É o corpo que permite o acesso ao espaço, às pessoas e aos objetos, configurando-se como o primeiro campo problemático dos indivíduos e primeiro nível da escala geográfica. É por meio do corpo que se expressa a individualidade e a sociabilidade dos indivíduos, práticas que se materializam no cotidiano a partir das mais variadas formas de experiências no espaço

¹ Doutor pelo Curso Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina; Professor Associado do Curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional. valdir.zitzke@gmail.com.

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE; Docente Adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada; larissa.cavalcanti@ufrpe.br.

³ Acadêmico do Curso de Psicologia da CEULP-ULBRA, Palmas, Tocantins; profedmilsonsaudecoletiva@gmail.com.

vivido. O corpo como materialidade sensível permite uma leitura sinestésica do espaço, pois, personifica a singularidade de cada indivíduo sentir e perceber as coisas.

A corporeidade é a mais íntima relação do indivíduo com o espaço, derivando das relações que são estabelecidas entre o corpo e a realidade, entre o corpo e outros corpos no espaço vivido. A corporeidade, portanto, integra toda e qualquer experiência e se torna um importante instrumento analítico por atravessar e ser atravessada por diferentes discursos, representações simbólicas e imaginárias. Logo, possui um importante papel no espaço banal, posto que é o seu principal instrumento de ação.

METODOLOGIA

Este trabalho é de cunho bibliográfico, a partir da análise de trabalhos científicos disponíveis em meio digital, na área de geografia cultural. Surgiu a partir das reflexões e observações diretas no contexto do projeto de pesquisa “Corpus Sacris e Profani: corpo como lugar da experiência nas festas populares católicas no Tocantins”, e foi desenvolvido âmbito da disciplina de geografia cultural, no curso de geografia da Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para Merleau-Ponty (1999) o corpo permite ao ser humano conhecer o mundo e perceber a sua própria existência a partir da sua própria corporeidade e não apenas por meio da sua intelectualidade racionalista: “o corpo é nosso meio geral de ter um mundo” (p. 202-203). De acordo com este autor (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 227), “se o corpo pode simbolizar a existência, é porque ele a realiza e é sua atualidade”. Assim, o corpo aparece como espaço responsável pela percepção de mundo e de nós mesmos, da nossa existência (MIRANDA, 2017).

Michel Foucault foi um dos filósofos que mais contribuiu para o entendimento do corpo, defendendo que o corpo “está diretamente mergulhado num campo político” e essas relações de poder “têm imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (FOUCAULT, 1994, p. 28). Para o pensador, existe uma tecnologia política do corpo composta de diferentes táticas e estratégias que perpassam e agrupam os corpos,



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

evidenciando a íntima relação entre poder e saber, o que permite entender o corpo político como um “conjunto dos elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e de saber que investem os corpos humanos e os submetem” (FOUCAULT, 1984, p. 30).

A epistemologia da existência proposta por Milton Santos (1996) traz consigo uma geografia mais complexa que parte das coisas simples e convida quem lê a realizar uma análise espacial do cotidiano (como quinta dimensão do espaço e referência para novas esperanças da sociedade) a partir de três ordens (técnica, jurídica e simbólica), três modos de agir (técnico, instrumental e afetivo) e três dimensões humanas (a corporeidade, a individualidade e a sociabilidade).

Outrossim, o corpo se impõe e se torna visível através da sua plasticidade, da gestualidade e da expressão nos cânticos, nos movimentos, nos ritmos e sons, nas danças e na imaginação, pois se transforma no dispositivo para contar e registrar sua história, constituindo uma fonte de múltiplos conhecimentos que ressoam a partir dele. Ainda que na contemporaneidade haja uma desvalorização da experiência cotidiana que está relacionada à experiência dos sentidos ligados ao corpo, Reiner Hildebrand-Stramamm (2005, p. 86), afirma que “os sentidos estão no corpo, por isso a experiência do mundo da vida é um tipo de experiência cinestésica (...) a experiência cinestésica abre a estrutura das coisas”.

Para Agostinho Ribeiro (2003, p. 7), o corpo na contemporaneidade “passou da esfera dos objetos para a esfera do sujeito, admitido e cultivado como um eu-carne”, pois cada vez mais pessoas investem no seu corpo com a finalidade de conseguir maior estimulação social e mais prazer sensual. Para o autor (RIBEIRO, 2003) está posto um contexto no qual modelos corporais são ratificados como indicativo de beleza, num jogo de imagem e sedução em que a beleza estética está associada a certos padrões de magreza e saúde.

Nessa perspectiva, Carreiro (2005) defende que o corpo na contemporaneidade ocupa um lugar decorrente do enfraquecimento dos coletivos e da configuração maior da cultura do narcisismo. Para esta autora, quatro modos-tipos de viver o corpo na sociedade hipermoderna refletem esse culto à bela imagem de si: o corpo território, o corpo viril, o corpo do excesso e o corpo beleza. O primeiro, é considerado, ao mesmo tempo, um lugar de expressão da subjetividade e das questões sociais, atraindo o olhar

e, por isso, atuando como um instrumento político. Já o segundo, o corpo viril, significa o esforço feito pelos sujeitos para sentirem-se e mostrarem-se fortes com relação às pessoas com quem convivem; de acordo com Carretero (2005, p. 70), corpo viril “quer ser bem modelado, trabalhado por novas tecnologias que lhe permitem aumentar sua massa muscular”.

O corpo do excesso, por sua vez, implica consciente ou inconscientemente, no uso do corpo para praticar excessos desde os vícios às compulsões, por exemplo. E, por fim, o corpo beleza atende à fascinação do mundo contemporâneo pela estética, e à tendência a investir em seu corpo, a fim de torná-lo conforme os atuais ideais de beleza ou bem-estar. Para Carretero (2005), o corpo beleza busca significar uma subjetividade lisa, isto é, aquela que leva cada vez menos em conta a interioridade.

É justamente essa necessidade das pessoas de se ajustarem a esses padrões estéticos que promove uma crise da imagem a partir da qual indústrias da beleza e da saúde se expandiram e tomaram como seu maior consumidor o corpo. Vale notar, portanto, o aumento de salões de beleza, clínicas de embelezamento e de estética e de academias. De acordo com Joana Vilhena de Novaes (2006 apud BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 29), essa realidade produz “discursos que normalizam o corpo e invadem as dimensões expressivas e simbólicas da corporeidade, fornecendo imagens e informações que reconfiguram o próprio âmbito da vivência corporal”.

Essa preocupação com o corpo evidencia uma forma de estar preparado para enfrentar os julgamentos e expectativas sociais. Nesse sentido, definimos o corpo para aprovação e reconhecimento social, estando o prazer está associado ao esforço, o sucesso à determinação e a intensidade do esforço será proporcional à aflição provocada pelo olhar do outro (NOVAES, 2005), adquirindo a capacidade de consumir e de ser consumido (VAZ, 2006).

Na contemporaneidade, o corpo passou a depender da tecnologia e das pesquisas que propõem diferentes formas para se regrar o corpo, como os moderadores de apetite, a alimentação saudável, sem colesterol ou calorias, drogas para controlar a impotência sexual, a insônia, a angústia, a depressão, entre outras (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011). Some-se a isso, a fertilização *in vitro*, a indústria de transplante de órgãos e o desenvolvimento da cibernética, promovendo a emergência de novos conflitos à consciência, à identidade e à relação entre o corpo e a alma. Sobre isso, Turner (1994, p. 6) afirma que o séc. XX construiu “uma sociedade na qual os nossos maiores problemas

políticos e morais são expressos através da conduta do corpo humano”, o que demonstra a crise do corpo (ROSARIO, 2006).

Se antes, o corpo estava dividido em dois (concreto e abstrato representado pela alma), na contemporaneidade o corpo é a própria fragmentação e, partido em pedaços, desenvolve sentido próprio (ROSÁRIO, 2006): músculos, glúteos, coxas, seios, boca, olhos, cabelos, órgãos genitais, etc., transformados pela tecnologia em potenciais produtos de consumo e de tratamento (reconstrução do nariz, implantação de cabelo, preenchimento de rugas, cirurgia corretiva das mamas, entre outros).

A contemporaneidade traz a tendência de se separar o saber do poder, o que permitiu maior autonomia nas diferentes dimensões da vida, como a estética, a social e a política (ROSÁRIO, 2006), fazendo com que as pessoas assumam cada uma suas escolhas, identidades e estilos. Exemplos desses estilos são o “aumento dos corpos tatuados, dos cabelos pintados das mais diversas cores, os piercings ou o vestuário, que vai desde a moda mais clássica, à moda hippie dos anos 1970, punk, funk, rapper, surfista”, entre outros (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 31).

O atual contexto social e histórico instável, associado ao enfraquecimento das instituições coletivas que influenciam a construção da identidade, como defende Carretero (2005), parece levar as pessoas a se apropriarem cada vez mais do corpo como meio de expressão do eu de uma forma diferente do que ocorria em outros séculos. As ideias de sucesso, celebridade e urgência são grandes propulsoras dessa nova cultura do corpo e da sociedade contemporânea, é preciso seduzir o outro como princípio das trocas sociais (CARRETEIRO, 2005).

Para Cristina Paim e Marlene Strey (2004) o corpo ocidental está em constante metamorfose não bastando às pessoas aceitá-lo como ele é, mas corrigi-lo e reconstruí-lo. Nesse contexto, as pessoas buscam nos seus corpos verdades sobre si mesmas, quando a sociedade não lhes consegue proporcionar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por mediar todas as experiências humanas, a discussão do corpo nesse trabalho possibilitou uma análise profunda do ser humano em sociedade, tanto individual quanto coletiva, inserida no âmbito geográfico e social. Neste sentido, verificou-se que não se pode abordar o corpo de forma neutra e universal, pois, além de idade e classe

socioeconômica, os corpos têm raça, sexualidade e gênero, sendo capazes de se recriarem, inovarem e operarem rupturas.

Observou-se que o corpo não se apresenta no cotidiano somente como um conjunto de partes orgânicas, mas existe principalmente enquanto fato social, cultural, psicológico, político e religioso e é na sua subjetividade que ele produz os sentidos que representam seus desejos, seus afetos, suas emoções e seu mundo simbólico, entrelaçando outras categorias de análise.

A cultura centrada na valorização da imagem do corpo normaliza um determinado modelo de corpo e um conjunto de métodos necessários à sua sustentação, onde o corpo é, ao mesmo tempo, objeto de idealização e alvo de estigmatização, caso não corresponda aos padrões estéticos e de saúde propostos pela sociedade de consumo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A categoria corpo, além de se referir a questões de natureza e cultura, pois está no cotidiano da vida e das relações, permite diferentes abordagens teóricas, políticas e técnicas levando a diferentes posicionamentos, uma vez que é socialmente construído. Em sua subjetividade, produz os sentidos que representam seus desejos, emoções, afetos, cultura, ou seja, o seu mundo simbólico.

É através do corpo que as pessoas expressam o resultado e os significados que as relações tiveram ou têm sobre elas, uma vez que a existência corporal dessas pessoas está inserida num contexto relacional e cultural, sendo esta dimensão onde as relações são construídas e vivenciadas. Atualmente, vivendo mergulhado em satisfações imediatas, o corpo busca sensações que façam esquecer as preocupações, vivendo o momento atual sem que o passado e o futuro tenham espaços na organização do seu cotidiano. Logo, vive-se a revolução do corpo, que traz consigo novos valores relativos à beleza, à alimentação, à saúde, ao lazer, à higiene e ao exercício físico e que reorienta diferentes comportamentos sociais e imprime um estilo de vida diferente aos anteriores, sendo mais aberto à diversidade e mais narcísico e hedonista no tocante à experiência do corpo.

REFERÊNCIAS



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. In: **Psicologia & Sociedade**; vol. 23, n. 1, p. 24-34. Lisboa, Portugal, 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/psoc/a/WstTrSKFNy7tzvSyMpqfWjz/?format=pdf&lang=pt>, acesso em 31 maio 2022.

CARRETEIRO, Teresa. Corpo e contemporaneidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 62-76, jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v11n17/v11n17a05.pdf> Acesso em 10 jun. 2022

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. Experiência: uma categoria central na Teoria Didática das Aulas Abertas. In: HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. (Org.). **Textos Pedagógicos sobre o ensino da Educação Física**. 3ª ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade II**. O cuidado de si. Lisboa: Relógio D'água, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **O negro do Pomba quando sai da Rua Nova, ele traz na cinta uma cobra coral**: os desenhos dos corpos-territórios evidenciados pelo Afomé Pomba de Malê. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Feira de Santana, 2014. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/97#:~:text=Citation%3A,pelo%20Afomé%20de%20Mal%C3%AA>. Acesso em 22 maio 2022.

NOVAES, Joana de Vilhena. Ser mulher, ser feia, ser excluída. **O Portal dos Psicólogos**. 2005. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0237.pdf> Acesso em 28 maio 2022.

PAIM, Maria Cristina Chimelo; STREY, Marlene Neves. Corpos em metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na actualidade. **Revista Digital Buenos Aires**, ano 10, n. 79, 2004. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd79/corpos.htm>. Acesso em 26 maio 2022.

RIBEIRO, Agostinho. **O corpo que somos**: aparência, sensualidade, comunicação. Lisboa: Editorial Notícias, 2003.

ROSÁRIO, Nísia M. **Mundo contemporâneo**: corpo em metamorfose. 2006. Disponível em: http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia_semiotica/conteudos/corpo.htm Acessado em 28 maio de 2022.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 21, p. 72-88, ago. 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38613> Acesso em 12 maio 2022.



**IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade**

**IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,**

VAZ, Paulo. Corpo e risco. *In: Útopia e Controle*. 2006. Disponível

em: <http://www.angelfire.com/mb/oencantador/paulovaz/INDEX.html> Acesso em 12
maio 2022.